

O Museu da Escola Primária no Porto

Orientações histórico- culturais *

Margarida Louro
Felgueiras

Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação da
Universidade do Porto -
Portugal.

Resumo

Pensar a criação de um museu da escola é, em primeiro lugar, um exercício que exige rever a origem e função dos museus. Neste artigo partimos de uma retrospectiva sobre a origem moderna dos museus, do século XVI ao século XX, e das suas concretizações em Portugal. Pretendemos assinalar as diferenças e perspectivar as tarefas do museu, que intentamos criar, na cidade do Porto.

Apresenta-se, de modo fundamentado, as linhas de força que orientam o projeto do futuro *Museu da Escola Primária*: museu vivo, fundado num trabalho interdisciplinar e integrador, inserido na comunidade e aberto ao mundo.

Palavras-chave: museu vivo, história da escola primária, cultura material, quotidiano, património, trabalho interdisciplinar

Abstract

To think the creation of a school museum is, firstly, to review the museum's origins and functions. In this article we analyse the early modern museums, from the XVIth to the XXth century and examples of its application in Portugal. This will highlight the differences and will help us determine the tasks of the museum that we intent to create in the city of Porto.

The paper discusses the options that project takes to the future of the *Primary School Museum*: a living museum, based on an integrating and interdisciplinary approach, rooted in the community and open to the world.

Key words: living museum, primary school history, material culture, daily life, educational patrimony, interdisciplinary work

* Trabalho realizado no âmbito do projeto, "Para um Museu Vivo da Escola Primária", de que é autora, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia - Programa PRAXIS XXI.

*Breve perspectiva histórica sobre
as funções do museu*

Pensar a criação de um museu e, em particular, museografar a escola é, em primeiro lugar, um exercício que exige rever a origem e função dos museus. Todo museu reflete uma concepção de saber, uma noção de humanidade e de cidadania e idealizar um, no nosso tempo, convida a uma visita a experiências passadas, para que o pensar se torne uma utopia possível.

O primeiro objetivo do museu é expor objetos raros, únicos, belos, exóticos, inovadores, característicos de outros tempos e lugares, dando a conhecer uma forma de natureza, de técnica ou um certo modo de vida. A exposição é sempre uma proposta organizada de conhecimento, que serve a um propósito de homogeneização cultural. Introduz na cultura do grupo alargado um conhecimento que se lhe torna comum.

No século XVI, no contexto de uma "cultura da curiosidade" (Prösler, 1996, p.28), em que os europeus alargaram a sua percepção do mundo com a inclusão de outras regiões no sistema mundial, o museu procurou integrar o

novo, o desconhecido, o não visto. Fê-lo como corolário de um livro de viagens, refletindo um ideal enciclopédico de organização. A coleção de objetos organizou-se segundo um esquema cosmológico, numa relação de semelhança entre o micro e o macrocosmos, segundo uma disposição espacial em que todas as criações do universo deviam ter o seu lugar. O ideal, que se foi consolidando, era o de uma relação estreita entre a organização dos objetos segundo o modelo enciclopédico e a transmissão e aquisição do conhecimento. Conhecer consistia na interpretação de signos e no estabelecimento de relações de semelhança e afinidade. Era uma forma de comunicar uma percepção ordenada do mundo.

No século XVII assiste-se a uma mudança fundamental na forma de conceber o conhecimento : deixou-se de procurar sistemas de afinidades, e as comparações passaram a ser feitas em termos de medida e de ordem. Deu-se um desenvolvimento da observação e da classificação (taxonomia), e o diálogo com a história natural moldou uma nova forma de olhar. Os museus passaram a expor não apenas objetos

mas também uma forma moderna de ver o mundo, como se ele fosse um objeto natural, feito de objetos com uma realidade própria, que podem ser expostos e apreendidos. A exposição deixa de obedecer ao princípio de semelhança com o cosmos para se organizar numa ordem evolutiva, taxonômica e cronológica.

Em Portugal, as primeiras experiências museográficas encontram-se ligadas a esta nova forma de ver o mundo e datam da Reforma Pombalina de 1772, que cria o Museu de História Natural, anexo à Universidade de Coimbra. A criação do primeiro museu público em Portugal data de 1833. Trata-se do Museu Portuense (Moreira, 1989, p.54), que foi inaugurado em 1840.

Ao impor o olhar como fonte da evidência e ao configurar o real segundo um modelo classificatório, assiste-se a uma objetivação cultural: concebe-se a construção da cultura e da sociedade como "uma coisa". Os museus passam a materializar a cultura: os objetos são usados na sua constituição e através deles os museus são capazes de tornar a cultura um objeto. Para Prösler (p.24-44), que temos vindo a seguir, este é um traço importante e distintivo dos museus: a forma como objetivam ordens

particulares de conhecimento, de experiência e as possibilidades classificatórias que oferecem ao visitante.

Neste sentido podemos falar da centralidade da cultura material nos museus e da própria materialidade da cultura. E isto apesar do papel de símbolos, que os objetos assumem na vida das comunidades nacional, local ou grupal, e do estatuto de autoridade e legitimação, que o museu lhes confere. Porém, os objetos não foram concebidos para os museus; se aí se encontram é porque perderam as suas funções e adquiriram uma nova vida como símbolos, como imagens sociais. As peças, pelo fato de aí se encontrarem, libertaram-se das suas funções iniciais e passaram a ser imagens de coisas, mas diferentes dessas próprias coisas. A perda de função é compensada com a polissemia de significações. E é essa diferença que é, afinal, a razão de ser do museu.

No século XIX, os museus, tal como os jornais, as instituições de cultura e de educação (principalmente as escolas primárias), promoveram a "idéia nacional" e ligaram-se de várias formas ao sistema de ensino. Apresentaram exposições para escolas e eventos

dirigidos à divulgação da cultura entre as camadas populares. Assistiu-se mesmo à constituição de museus pedagógicos e industriais, cujo objetivo principal era a divulgação das inovações em nível popular, como complemento dos conhecimentos obtidos nas escolas e de apoio ao desenvolvimento das indústrias locais. As exposições universais eram grandes eventos culturais de massas e partilhavam desse intuito civilizador. Nessa época, o passado aparecia representado como elemento fundamental na cadeia do progresso, com uma intenção homogeneizadora ao serviço do Estado e da cultura burguesa dominante. Nesse contexto, apareceram, além dos museus nacionais e regionais, os museus coloniais.

No espaço da língua portuguesa, o mais antigo terá sido o do Rio de Janeiro, que foi também o primeiro da América Latina e data de 1815. Só um século mais tarde é criado um em Moçambique (1913). Esses museus corresponderam a uma primeira vaga de difusão global de idéias, imagens e tiveram um significado político ao participar na definição da unidade nacional. Foram um espaço onde se construiu a cultura e a história da nação,

distinguindo-a das outras e simbolizando-a como uma unidade. A criação de coleções etnográficas baseadas na cultura de povos ditos “não-civilizados” serviu para mapear diferenças, definir um padrão de civilização e reforçar a consciência nacional. Os museus funcionaram como uma representação micro-cósmica da soberania do Estado-nação. O Portugal dos Pequenitos, em Coimbra, representou uma forma particular e bem sucedida, durante o Estado Novo, de apresentar às crianças e aos visitantes o império colonial na sua diversidade e unidade, pertencente conferida pelo papel “civilizador” dos portugueses. Coleções etnográficas sobre as colônias vieram a integrar os museus escolares, constituindo o “*museu colonial*”. A legislação data de 1928 e previa a organização de um *Álbum do Império Colonial Português*, de pequenos mostruários de produtos coloniais e de coleções de dispositivos e fitas cinematográficas para o mesmo fim. O decreto anunciava a impressão de obras, a edição de uma antologia sobre assuntos coloniais portugueses e de um planisfério, para serem distribuídas pelas escolas. Instituíam prêmios para as melhores obras e um crédito especial

de 50.000\$00 para a propaganda do império colonial nas escolas.

Museologia e quotidiano

Desde os anos 70 do nosso século que se tem dado um aumento e uma diversificação do conteúdo dos museus, respondendo a um pedido de musealização de outros aspectos da cultura, para outros setores sociais. Esta necessidade museológica é contemporânea da atenção que começou a ser prestada à vida quotidiana, questionando a reprodução dos interesses ideológicos dominantes, que as investigações sociológicas, no seguimento de Bourdieu, evidenciaram. Procura-se analisar as articulações de interesses em comunidades cada vez mais móveis e heterogêneas, as dificuldades em representar o mundo contemporâneo, questionam-se os modelos baseados na ciência e procuram-se formas de tornar visíveis grupos ou aspectos minoritários ou subalternizados da sociedade. A vida quotidiana emerge como aspecto revelador da sociedade.

A quotidianidade é vivida por todos com as sua múltiplas valências e possibilidades, das quais apenas

algumas se realizam. No complexo de esferas heterogêneas que a constituem, o pensamento socialista do século XIX salientou o trabalho como um dos caracteres essenciais ao gênero humano, tendo-se começado a olhar a arte, a ciência e a própria literatura como trabalho. Neste ambiente não é mais a vida excepcional dos indivíduos que importa, mas as rotinas, as estruturas básicas, as formas como a comunidade, o grupo, o Estado são capazes de dar resposta às necessidades essenciais. O excepcional apenas evidencia uma síntese individual de um conjunto de possibilidades que uma sociedade ou cultura possuem, muitas vezes só disponíveis para um pequeno grupo. O quotidiano deixa de ser o irrelevante para se tornar, do ponto de vista epistemológico, o meio através do qual se resgata a agência humana, com o seu conjunto de potencialidades, liberdades, dependências e constrangimentos. É porque metamorfoseamos o conceito de quotidiano que aspectos como o traje, o telefone, a eletricidade, os transportes, a água, o azulejo, o brinquedo ou a educação se tornaram matérias museográficas. No limiar de dois séculos de instrução popular, no sentido de educação de certas camadas sociais até

aí afastadas do contato com a escrita, mas sem ter um sentido universal ou de acesso democratizado (cf. Adão, 1997, p.59-65), organizada como um segmento do Estado, julgamos indispensável estabelecer um diálogo com as presenças do nosso passado educativo, encetando, nas palavras de André Malraux o *invencível diálogo das ressurreições* (Malraux, s.d.), criando um lugar imaginário na nossa cultura, que só existirá com o concurso do museu.

A idéia de um museu da educação em Portugal.

Se excetuarmos os museus científicos ligados à Academia das Ciências e à Universidade, cujo objetivo era a recolha de materiais necessários ao ensino e para as demonstrações científicas, as propostas de Francisco Adolfo Coelho (Fernandes, a)1973; b) 2000) são das primeiras referências a um Museu Pedagógico.

Rogério Fernandes considera que as seções e o seu conteúdo, no plano de museu traçado por Adolfo Coelho, estão imbuídas de uma forte cultura pedagógica, marcada pelas concepções da ciência da educação do seu tempo. Entre os temas previstos salienta as

construções e o mobiliário, prevendo-se a mostra de modelos; material destinado à educação e ensino, que contemplava o ensino de deficientes; uma biblioteca e um arquivo. Neste seria recolhida documentação relativa aos diversos graus de ensino com ênfase para o ensino primário. Este plano foi concretizado em 1882 no *Museu Pedagógico Municipal*, criado pela Câmara Municipal de Lisboa. No ano seguinte, a Junta do Distrito do Porto dotava a respectiva Escola Normal com um museu escolar.

Tal como as propostas de criação de museus industriais e comerciais, junto do Conservatório de Artes e Ofícios de Lisboa e Porto, datadas respectivamente de 1836 e 1837, mas só concretizadas em 1883 (Moreira, 1989, p.54-61), os museus escolares relacionam-se com o desenvolvimento de novas áreas científicas e técnicas e são contemporâneos do aparecimento de museus regionais e locais. Todos esses museus tinham um objetivo comum - colocar à disposição dos públicos diretamente interessados um conjunto de materiais que lhes permitisse o contato com as inovações, nos mais variados campos, e conservar técnicas e tradições locais, que o avanço tecnológico ia suplan-

tando. O museu era visto como uma extensão, um complemento de aprendizagem e deveria ser acessível a um público amplo, como meio de instrução popular. Entre as suas atividades estipula-se a realização de exposições públicas periódicas. Se nos museus industriais e comerciais as peças guardadas funcionavam como modelos, procuravam promover o desenvolvimento econômico e salvaguardar as tradições, nos museus escolares e suas bibliotecas patenteavam-se os progressos da pedagogia experimental, da psicologia, sociologia, história da pedagogia, higiene, expunham-se os métodos e materiais de ensino das correntes pedagógicas modernas, trabalhos dos alunos e alunos-mestres com vista ao desenvolvimento do ensino e à formação de professores. Contudo, a vida destes museus deve ter sido apagada, pois em 1924 a conferência de abertura de um curso gratuito para professores do ensino primário geral, proferida por Alberto Pimentel era subordinada ao tema "*Interessa ao professor primário dar vida ao Museu Pedagógico*" (*O Professor Primário*, 1924, nº 242).

Na década de 30 do século XX, os museus escolares e pedagógicos foram

enriquecidos com coleções etnográficas e de espécies vegetais oriundas das colônias, constituindo os chamados museus coloniais, já referidos, que pretendiam dar a conhecer, de uma forma intuitiva e concreta, a cultura dos "*indígenas*", as riquezas e possibilidades de desenvolvimento dessas regiões do Império. Mais uma vez estas medidas acompanham a realização de grandes exposições nacionais, como foi a *Exposição do Mundo Português*. A construção de uma idéia unificadora de império exigia um conhecimento mínimo das colônias. Os professores primários cedo expressaram a necessidade e importância de poderem dispor de material didático para esse fim, defendendo, já nos anos 20, a utilização do cinema educativo. Mas também as coleções etnográficas e dos ofícios locais estavam presentes em alguns dos museus das Escolas Normais sob a forma de cópias ou miniaturas, procurando documentar a diversidade das atividades características das regiões nacionais.

O interesse pelos museus escolares ao longo de todo este período permaneceu muito circunscrito, até pela carga de propaganda ideológica que lhe estava associada. Os professores rara-

mente tiravam partido deles, notando-se uma significativa ausência de reflexão teórica quer no campo educativo quer no da museologia. Nos anos 60 começa a discutir-se, no âmbito da museologia, a colaboração dos museus com as escolas, relançando o papel educativo dos primeiros. Mas este debate manteve-se sempre limitado e os museus foram olhados como locais frios e obscuros, que poucos procuravam. Nas escolas foram estiolando progressivamente até desaparecerem como tal ou terem uma vida aparente.

Nos anos 80, um pouco por toda a Europa e também em Portugal, irrompe um movimento de musealização de diversas esferas de atividade, grupos sociais e locais. As alterações produzidas na esfera econômica e social desencadeiam uma atitude de recolha, guarda e preservação desses traços do passado que permitem a afirmação de uma identidade. Na realidade, a perda das memórias é de certo modo uma forma de morte e exclusão social. É nesse contexto que se desenvolve a criação de uma série de novos museus. No campo da educação aparecem várias iniciativas de caráter local, muitas delas restritas ao espaço físico da escola primária ou secundária, envolvendo a

comunidade escolar, as famílias e antigos alunos. Constituem-se salas-museu ou, na impossibilidade, recolhem-se materiais que se expõem em vitrines ou se guardam em armários. Continua-se a verificar uma ausência de debate, de teorização sobre o papel dos museus e do museu da educação, enquanto jaz em sótãos, caves e armazéns improvisados a memória da instrução popular. As autoridades da cultura e da educação não têm revelado pelo problema maior clarividência ou interesse, não existindo entre nós, apesar de todas as boas vontades, um Museu da Educação. Da parte de alguns técnicos do Instituto Português de Museus a atitude é equivalente, não reconhecendo a educação como tema museal.

Esta leve retrospectiva sobre o percurso museológico permite assinalar as diferenças e perspectivar as tarefas do museu, que intentamos criar.

Linhas de força que orientam o projeto do Museu da Escola Primária

"Museu Vivo"

O conjunto de obras, materiais pedagógicos, memórias, mobiliário a recolher, e que estamos a inventariar,

constitui o museu como lugar real - na antiga escola nº85, na Foz - e simultaneamente como um mundo irreal, lugar do nosso imaginário. É o imaginário que as prolonga, tornando-as presentes como uma voz que nos interpela. A presença dessa voz no nosso quotidiano contribuirá para questionar mitos, paradigmas e realizações da educação, do presente e do passado. É neste sentido, também, que o projeto de Museu da Escola Primária foi concebido como "vivo", uma vez que a mensagem a transmitir é mais da ordem da presença, do afeto, da rememoração. A ordem do conhecimento está integrada na forma de apresentar e de algum modo fica-lhe "subordinada". O museu constitui-se como agência educativa de caráter distinto: nele os públicos movem-se, comentam, vêem, participam. Mas muitas das suas mensagens permanecem de natureza não verbal, resultado do diálogo estabelecido entre o visitante e as peças expostas, no contexto do discurso expositivo.

Não adotamos uma perspectiva de neutralidade em face do papel dos museus e das instituições culturais na sociedade. Consideramos o museu como um local de confluência e conflito

de perspectivas e interesses dos diversos grupos sociais, e defendemos uma concepção democratizadora da cultura, de "educação na cidade" (Freire, 1991). Sabemos como os museus enfrentam a concorrência de outras instâncias culturais e procuram introduzir, na exposição, efeitos de som, projeções de vídeo, o recurso ao micro-computador, simulações diversas e, menos vezes, a atores. A preocupação é trazer à vida as peças, recriando ou propiciando experiências de contextos passados. O termo "vivo" aparece como palavra-chave na promoção dos museus. Mas, no sentido que retiramos de Malraux e que se faz presente nas tendências da "nova museologia", tornar vivo é tornar presente, necessário - na vida, no quotidiano, nas nossas rotinas - o que afinal, na sociologia do tempo deveria estar consumido e morto. Por isso pretendemos criar, desde o início, uma dinâmica de participação com vários setores da comunidade, de modo a tornar presente o museu nos seus hábitos de lazer, de estudo, de pesquisa, de troca de informações, de atualização. A esta concepção de museu como espaço de encontros, que prolonga o seu conteúdo como uma voz no nosso tempo, designamos "museu vivo".

Trabalho interdisciplinar

Pretendemos significar por conteúdo não apenas os objetos resultantes das atividades de ensinar e aprender, aos quais se dirigem as ações de musealização do projeto - pesquisa, inventário, conservação e exposição dos materiais educativos, incluindo mobiliário, materiais de arquivo, edifícios, memórias, discursos e práticas - mas também uma forma e uma prática institucionais, internas à própria concepção de museu, que reflete quer uma noção de cultura e de sociedade, quer o diálogo entre disciplinas científicas. No caso do Museu da Escola Primária, as disciplinas convocadas a questionar e a colaborar na elaboração de um discurso histórico sobre a educação popular são, além da história da educação, a antropologia, a filosofia, a sociologia e demais disciplinas da educação, a museologia, as ciências da documentação/informação e arquivística.

A consciência das limitações dos métodos e olhares dos vários ramos do saber levou-nos à constituição de uma equipe interdisciplinar que, embora não abrangendo todas as disciplinas citadas, permite o diálogo entre três dos campos

por nós reputados como principais: o educativo, o dos museus e o da gestão da informação. Contudo, a montagem de uma estrutura física como um museu não pode estar confinada a uma visão estreita de grupo ou "capela". A equipe não pretende fazer tudo e, muito menos, sozinha. Desde o primeiro momento, a perspectiva é estabelecer laços que permitam o contato, o debate, a cooperação individual ou institucional, sem qualquer outra limitação que não seja o debate frontal de opiniões, o reconhecimento e respeito pelo trabalho de todos e cada um.

No plano institucional procuramos congrega a Universidade com a Autarquia, a cultura, a educação e a ciência e esperamos poder vir a contar com o apoio de operadores privados. Na conjuntura atual, apesar de os museus promoverem uma imagem da cultura e da qualidade de vida de um país, mais difícil do que a criação de uma estrutura parece ser a sua manutenção. Neste clima, é necessário afirmar o caráter imprescindível das pessoas na produção dos bens culturais, sem abdicar do atingir níveis razoáveis de prestação, como serviço público.

*Papel integrador do centro de
documentação*

As práticas institucionais devem expressar também este caráter interdisciplinar e de abertura ao conhecimento e às responsabilidades dos atores envolvidos. Na concepção do museu optou-se por uma orgânica integrada e de certo modo horizontal, disponibilizando um conjunto de serviços que torne o museu mais próximo da comunidade e dos seus públicos-alvo. Essa perspectiva corporiza-se em diferentes linhas de atuação e tem como núcleo principal o centro de documentação como gestor da informação, uma proximidade com as escolas do 1º ciclo no sentido de uma cooperação mútua e de prolongamento do museu no sistema educativo, podendo apoiar o aparecimento de pequenos núcleos museológicos. Perspectivamos o futuro museu como uma *instituição-recurso* a serviço dos docentes e dos investigadores. Sendo o seu traço constitutivo a investigação na área da História da Educação, ele privilegiará o estabelecimento de uma ampla rede de contatos no espaço da língua portuguesa e a disponibilização, por meios informáticos, dos materiais e informações que possuir ou for produzindo.

*O serviço de ação cultural ou
educativo*

Um dos aspectos que mereceu a atenção da nova museologia foi a criação de serviços de ação cultural ou educativos, pensados como elementos de interface entre o discurso expositivo dos museus e os seus públicos. Encontram-se entre nós ecos dessa preocupação nos finais dos anos 60, no trabalho desenvolvido por João Couto, no Museu de Arte Antiga (Grácio, 1971), mas só na década de 80 começaram a ser visíveis atividades nesse sentido. Apareceram, contudo, mais de forma esporádica e espetacular do que como uma política integradora do museu com a comunidade. Refiro-me nomeadamente às experiências de "história ao vivo". Se excetuarmos o caso de Setúbal, essas ações não têm um plano de continuidade nem assentam numa fundamentação sólida, que as estructure como rotinas dos museus existentes, onde quase tudo parece faltar: do simples folheto informativo ao catálogo acessível, a atividades pensadas para o público. Há ainda diretores de museus que consideram que as coleções que guardam e expõem são para um público restrito; não são acessíveis à multidão

ignorante. O museu é assim entendido mais como um serviço especializado de guarda, a que geralmente faltam recursos e apoios, do que como um meio de difusão de cultura. Num ambiente de escassez de recursos humanos, os lugares do serviço educativo, quando existem, são preenchidos por técnicos de museologia sem preparação em Ciências da Educação.

Na perspectiva de ultrapassar visões demasiado paroquiais, julgamos importante pensar o serviço educativo como um campo de investigação e formação de agentes culturais dentro e fora do museu. A parceria com a Universidade apresenta-se como um meio de intercâmbio de experiências, vivificador das atividades de ambas as instituições.

O pensar de ações com a comunidade implica também fazer o inventário dos possíveis parceiros, pelo que a interligação com associações, bibliotecas, outros museus, sindicatos, juntas de freguesia, câmaras e empresas são relações a desenvolver. Será através do incremento de atividades abertas, provocando ou respondendo a solicitações diversas, que se poderá realizar uma democratização do fruir dos bens culturais, patrimônio comum.

O museu inserido na comunidade

O discurso museológico é atravessado na atualidade pela consciência da conflitualidade das visões sobre a herança cultural e o conceito de patrimônio. Isso tem-se traduzido na procura de uma contextualização mais ampla dos legados, com o apresentar de correntes de opinião, mostrar o enunciado de soluções subalternizadas em lugar de um discurso unificador, de resultado unívoco. A tentativa vai no sentido de mostrar os processos e os meios utilizados na construção das soluções dominantes. Os objetos não são olhados como meras curiosidades nem confundidos com a realidade passada; expõem apenas o que dela resta.

Falar de comunidade é igualmente falar de uma certa prática institucional de exposição. Pensamos que no atual momento do projeto ainda é cedo para pormenorizar os vectores e conteúdos desse trabalho. Poderemos, contudo, falar de alguns princípios congruentes com o já afirmado, e que enumeramos: estudar um tipo de exposição permanente, que valorize as coleções recolhidas e seja a marca de identificação do museu; privilegiar exposições temáticas que atendam a

solicitações da comunidade e acompanhem e apoiem a própria investigação; conceber o espaço de exposição como um espaço aberto à participação dos públicos, à experimentação de práticas escolares e de formas de ser e estar distantes de nós, fazendo apelo à emoção e mobilizando os conhecimentos pedagógicos e educativos pela criação de lugares imaginários.

Na história dos museus da escola na Europa, Ulla Nitsch (Nitsch, 1999) chamou a atenção para uma fase inicial em que se procurou atrair visitantes, organizando exposições à base de objetos atraentes para o público. Algumas vezes estavam organizadas de forma muito subjetiva, sendo difícil identificar a sua estrutura. Noutros casos procurou-se a ressurreição das funções iniciais, organizando os objetos de forma naturalista e recriando um tipo de sala de aula. Parece ter sido um trajeto obrigatório para a maior parte dos museus europeus, tendo obtido sucesso junto de um público que compartilhava ainda muitos dos significados dos objetos expostos. Mas essas reconstituições mostram principalmente a situação externa, os meios disponíveis para ensinar e aprender. Uma parte importante resta invisível: o significado político e

social da escola, a habilidade ou dificuldade do professor em ensinar, as relações dos alunos entre si e com o professor.

Passados cerca de 20 anos sobre essas primeiras exposições, os museus começam a confrontar-se com uma primeira geração de jovens que não têm experiência da velha escola. Ulla Nitsch dá o exemplo do tinteiro de carteira, que para muitos jovens é identificado com um cinzeiro. A autora pretende fazer notar o desafio que no futuro próximo enfrentaremos: o ter de fornecer informações bastante detalhadas sobre os objetos que hoje ainda nos são familiares e apresentar visões da história "invisível" da educação, para que a compreensão possa ser mais profunda.

Ao focarmos estes problemas, sobressai a importância, cada vez maior, da cooperação entre educadores e museólogos. Coloca-se também a questão de como poderemos transmitir às gerações futuras a experiência escolar do presente e que política adotar de coleção, com vista ao futuro.

As exposições deverão ser inventivas na forma de mostrar e proporcionar meios de aprendizagem ao visitante. Um público a chamar a nossa atenção é naturalmente o dos aposentados, especialmente os

professores, que podem trazer ao museu as suas recordações e histórias de vida a serviço da educação; ou aqueles que tendo sido apenas alunos dão-nos a visão do outro lado do estrado, assim como os que não tendo freqüentado a escola nos comunicam outras formas de a ver, desejar ou ignorar. Esses depoimentos, suscitados ou mais ou menos voluntários, ajudarão os visitantes, mais novos ou de diferentes classes sociais, a imaginar, por exemplo, a satisfação em ter sido o primeiro leitor numa família iletrada, o orgulho dos pais e a sua situação no seio da família, as oportunidades de trabalho que se lhe abriram, o entusiasmo pela escola, o respeito ou medo do professor, etc. A exposição facilitará a lembrança e a reflexão sobre o visível e o invisível dos dias da escola, que cada um viveu.

Um museu aberto ao mundo

A preocupação de inserção no meio tem como horizonte uma ecologia social, em que a cidadania se completa e aprofunda numa visão mais ampla do mundo. Como acima referimos, museu e escola participaram num primeiro movimento de globalização de idéias e homogeneização de culturas. Muitas das

realizações da escola e do pensamento pedagógico são fruto dessa globalização e só são compreendidas dentro das promessas da *modernidade*. Por isso nos sentimos sempre desconfortáveis quando interrogadas se afinal o museu terá uma dimensão concelhia. A estrutura é originariamente concelhia, mas o seu escopo é necessariamente mais vasto. A sua extensão está, pois, prevista em vários níveis: no conteúdo, nas colaborações e no espaço de visibilidade.

Em relação ao primeiro, prevê abarcar o conhecimento sobre a escola primária no espaço da língua portuguesa, valorizando uma abordagem intercultural que identifique elementos comuns e as especificidades de cada ambiente sociocultural. Sem ter qualquer intenção centralizadora, pretendemos defender uma visão globalizante da nossa realidade escolar.

Um dos objetivos deste projeto era estabelecer uma rede de investigadores na área da História da Educação, que tivessem interesse pelo estudo da escola primária e conservação do que dela resta, nos seus mais variados aspectos. Esta rede (Rede de Investigadores em História e Museologia da Infância e Educação – RIHMIE) constituiu-se em

dezembro de 1999, em Coimbra, onde ficou sediado o primeiro grupo coordenador. Pensamos que os meios de comunicação atuais facilitam o alargamento da RIHMIE e que os investigadores, e instituições onde trabalham, acolhem favoravelmente esta iniciativa. A RIHMIE privilegia a adesão de núcleos museológicos e projetos que contemplem a interface investigação/preservação, mas admite sócios individuais que tenham uma atividade nesses domínios. A orientação do projeto, a qual imprimimos à RIHMIE, não se confina a uma área geográfica e é correlata da visão global sobre a realidade escolar lusófona, já afirmada.

Finalmente, a extensão faz-se através da inclusão noutros espaços e formas de visibilidade. Entre eles sobressai a participação na rede europeia de museus de educação, quer como investigadores quer como promotores de uma estrutura museológica. E, obviamente, nas estruturas nacionais onde se debatam as questões da educação, do património, da herança cultural, dos museus e da cultura.

Procurando sintetizar as orientações que temos vindo a desenvolver, diremos que o museu está pensado como uma estrutura que se interliga com outras de carácter cultural e social, no sentido de se criarem condições de um funcionamento eficaz e de contribuir para a produção de uma cultura fundada em imagens coerentes, desmistificadoras e diversas, participante de uma identidade individual e coletiva de diferentes grupos e níveis de pertença; que o projeto adota, na teoria e na sua prática, uma postura de grande abertura em relação a públicos, parcerias, áreas de intervenção e disciplinas científicas, colaborações, apoios e acessibilidade ao espólio a recolher.

O projeto "Para um Museu Vivo da Escola Primária" é uma parceria entre a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e a respectiva Câmara Municipal/Pelouro da Educação. Agrega um grupo de investigadores de diferentes instituições e áreas e tem como coordenador científico o Prof. Doutor Rogério Fernandes, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Referências bibliográficas

- ADÃO, Áurea. *Estado absoluto e ensino das primeiras letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p.59 a 65.
- Diário do Governo, nº47, 1ª Série, Decreto 15 088, de 28/2/28.
- FERNANDES, Rogério. *As ideias pedagógicas de F. Adolfo Coelho*. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência/Centro de Investigação Pedagógica, 1973.
- FERNANDES, Rogério. S. In: *A Escola Primária: entre a imagem e a memória*. Seminário Internacional. Comunicações. Porto, 2000.
- FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.
- GRÁCIO, Rui. Museus e educação. In: *Museus e Educação - Seminário*. Lisboa: APOM, 1971.
- MALRAUX, André. *Le musée imaginaire*. Paris: PUF, s.d.
- MOREIRA, Isabel M. Martins. *Museus e monumentos em Portugal. 1772-1974*. Lisboa: Univ. Aberta, 1989, p. 54-61.
- NITSCH, Ulla. "The past, the present and the future of School Museums . A Review of the Achievements and Problems of their Development." In: *Documentation. 7th International Symposium for School Museums and School History Collections*. Leeds: Bremen, 1999.
- O Professor Primário*, n. 242, 8/6/1924, p.1, art.º Quinta-feira do Professor.
- PRÖSLER, Martin. Museums and Globalization. In: MACDONALD, Sharon and FYFE, Gordon. *Theorizing Museums*. Oxford: Blackwell, 1996, p. 21-44.